

## **O PRAGMATISMO NO ENSINO DE HISTÓRIA MILITAR NA ACADEMIA DA FORÇA AÉREA: LIMITAÇÕES NA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO ESTRATÉGICO DE SUA LIDERANÇA<sup>1</sup>**

Tania Regina Pires de Godoy<sup>2</sup>

**Resumo:** Mais do que qualquer formação acadêmica existente, o ensino de História Militar nas academias de formação da oficialidade tem o objetivo bem específico de dotar seus futuros líderes de um conhecimento que substitui a experiência direta em combate, ao privilegiar o objeto da guerra enquanto formação cognitiva profissional e fundamentação teórica na construção do pensamento do futuro estrategista das Forças singulares. Apresentarei o ensino de História Militar na Academia da Força Aérea Brasileira (AFA), analisando seus objetivos gerais e operacionalizados e os fatores limitantes que a abordagem pragmática do estudo da História para a formação de líderes militares proporciona em seu exercício profissional futuro, no qual terão de tomar decisões para cumprir a basilar missão de proporcionar a operacionalidade da Força Aérea Brasileira na defesa da nação, segundo sua definição constitucional. Abordarei, também, especificidades acerca do desempenho do docente civil no ambiente castrense de ensino, carregado de aspectos ao mesmo tempo fascinantes e frustrantes, pelo controle cotidiano sobre os cadetes e sobre a prática pedagógica do docente no ensino militar brasileiro.

**Palavras-chave:** Brasil. Pragmatismo no ensino de História. Ensino de História Militar.

**Abstract:** More than any existing college, the teaching of History Military in official college education has the objective and specific to endow their future leaders of a knowledge that replaces the direct experience in combat, to privilege the object of war as cognitive vocational training and theoretical construction of the thinking of future strategist of natural forces. I will present and teaching of History Military in Brazilian Air Force Academy (AFA), an analyzing their overall objectives and operational and the factors limiting the pragmatic approach that the study of History for the training of military leaders provides in their professional career future, which will have to take decisions to fulfill the principal mission to provide the operational capability of Brazilian Air Force in the defense of the nation, according to their constitutional definition. I, too, specific about the performance of the civil teacher on the environment martial education, loaded with aspects at the same time fascinating and frustrating, by the control everyday on cadets and about the pedagogical practice of the teacher education in Brazilian military.

**Keywords:** Brazil. Pragmatism in History education. Military History education.

### **Análise do espaço educacional da AFA: a especificidade das escolas castrenses**

A escola é um espaço de relações sociais onde se pretende transmitir conhecimentos com base em projetos educacionais que busquem alcançar objetivos políticos. O espaço

---

<sup>1</sup> As reflexões apresentadas neste trabalho foram inspiradas nas pesquisas de Mestrado e Doutorado da autora, com dados revistos e atualizados.

<sup>2</sup> Doutora em Fundamentos da Educação pela UFSCar em 2004 e docente em História Militar na Academia da Força Aérea Brasileira, desde 1996.

escolar representa e espelha a sociedade a qual ela pertence, pois não se dissocia das contradições sociais nela existente, além de representar a Força do Estado.

A escola militar de formação de oficiais da Força Aérea Brasileira carrega certa especificidade com relação ao reflexo da sociedade em que está inserida, considerando-se sua função primordial de formar líderes especializados na violência, seja na aplicação da mesma para a imposição de uma vontade perante um adversário político, seja em seu caráter dissuasório na manutenção da paz: é na escola militar que se formam homens e mulheres que constituirão a liderança das Forças Armadas do Estado.

Por isso, mais do que nas escolas civis, observa-se intencionalmente nas escolas castrenses a reprodução de determinados valores morais e culturais como forma de manutenção do próprio espírito do profissional fardado, distinguindo-o dos cidadãos paisanos. Este cultivo do valor militar começa desde o estágio inicial de adaptação pelo qual os cadetes passam, no intuito de padronizar o comportamento, torná-los dóceis e iniciar um processo de despersonalização individual (CASTRO, 1990: 43-45).

É dando ênfase na manutenção desse *espírito militar* entre os futuros oficiais da Força que o estudo da História se apresenta, na condição de enaltecer vultos do passado que devem servir como fonte de exemplos na formação dos líderes da força. Uma História que pudesse proporcionar subsídios para uma visão mais crítica e fundamentada da sociedade e do papel exercido pelas Forças Armadas em suas atuações políticas não é possível pela própria concepção de ensino efetivada na Academia da Força Aérea Brasileira.

Devemos considerar, entretanto, que o estudo da História representa para os profissionais diretamente relacionados às atividades bélicas, como é o caso dos oficiais militares que a AFA tem o compromisso de formar, um fundamento teórico importante na construção de um conhecimento elucidativo às suas atividades de liderança, na efetivação de estudos estratégicos, aspecto verificado na obra do expoente pensador prussiano da arte da guerra, Carl Von Clausewitz (1979 [1832]).

Um estudo aprofundado da História Militar torna-se necessário aos líderes militares, não sendo possível prescindir do caráter utilitário que ela exerce sobre esta profissão. É neste contexto que esta disciplina passa a ter, na formação dos oficiais das Forças Armadas, um papel estratégico:

*(...) trata da história enquanto educação pessoal, ou seja, a construção de um conhecimento do que sejam a sociedade e a vida humana; o segundo destaca o fato de que as guerras, não importa em que época, têm mais em comum entre si do que com qualquer outra atividade humana. Nesse sentido, o estudo da História Militar pode oferecer um universo de conhecimentos que permitirão analisar e conduzir melhor as guerras e as operações militares do presente e do futuro. (PROENÇA Jr. et. al., 1999: 40).*

É por este motivo que o enfoque curricular de História Militar da AFA se dá no estudo das guerras, para fundamentar o conhecimento teórico das atividades bélicas, num corte temporal que contempla um período mais recente da História da humanidade, o século XX, por sua efervescência na ocorrência de conflitos e pela utilização da aviação nos combates ocorridos na época escolhida.

O sentido de pragmatismo é considerado neste trabalho segundo a definição do filósofo norte-americano Charles Sanders Pierce (1839-1914):

*Assim se justifica a máxima, cuja crença constitui o pragmatismo; a saber, Para determinar o sentido de uma concepção intelectual devem-se considerar as conseqüências práticas pensáveis como resultantes necessariamente da verdade da concepção; e a soma dessas conseqüências constituirá o sentido total da concepção (PIERCE, 1980: 7).*

Contemporâneo a Pierce, outro filósofo americano da vertente pragmática, William James (1842-1910), assim definia este método:

*O método pragmático é, primariamente, um método de assentar disputas metafísicas que, de outro modo, se estenderiam interminavelmente. (...) Se não pode ser traçada nenhuma diferença prática qualquer, então as alternativas significam praticamente a mesma coisa, e toda disputa é vã. Sempre que uma disputa é séria, devemos estar em condições de mostrar alguma diferença que decorra necessariamente de um lado, ou o outro está correto. (...) Se não pode ser traçada nenhuma diferença prática qualquer, então as alternativas significam praticamente a mesma coisa, e toda disputa é vã. Sempre que uma disputa é séria, devemos estar em condições de mostrar alguma diferença que decorra necessariamente de um lado, ou o outro está correto (JAMES, 1979: 17-18).*

Os fundamentos filosóficos do pragmatismo de Pierce e James influenciaram diretamente as idéias do famoso filósofo educacional norte-americano, John Dewey (1859-1952):

*O que chamamos ciência ou matérias de estudos não são mais do que esses produtos da experiência, organizados de modo que possam ser utilizados no futuro. São um capital que pode a cada momento ser posto a juros. Economizam em todas as direções o esforço intelectual. A memória é aliviada, porque os fatos são ordenados e sistematizados sob um princípio comum, e não, em confusão, de acordo com a sua descoberta originária. A observação é altamente auxiliada: já sabemos o que olhar e para onde olhar. O raciocínio é ajudado, porque se lhe dá direção; há um caminho geral, pelo qual as idéias naturalmente marcham vez do acaso de associações espontâneas ou imprevistas (DEWEY, 1980: 146-147).*

Observa-se que a aplicação do fundamento utilitário na educação possui expoentes como Dewey, que influenciou diretamente o movimento da Escola Nova no Brasil, nos anos 1930. No ensino de História Militar na Academia da Força Aérea evidencia-se este papel utilitário, na busca de soluções positivas em um ambiente inóspito e repleto de inseguranças, que é a realidade de um teatro de operações de guerra. Dessa maneira, o que se espera do ensino de História é justamente os ensinamentos aplicáveis ao cotidiano militar, enquanto substituto da experiência direta em um conflito, conforme encontramos em WEIGLEY (1981: 15).

A prática pedagógica castrense, na busca do objetivo da padronização e da transmissão de valores morais e culturais típicos dos militares, reproduz relações de hierarquia e poder dentro da escola, de forma a condicionar os cadetes a uma vida militarizada, que é absorvida de maneira incontestável por eles. Na verdade, faz parte do cultivo do valor militar aceitar e respeitar a hierarquia, que irá permear todas as relações existentes na carreira militar (LUDWIG, 1992: 36).

O preparo dos cadetes para assumirem a função de guerreiros orgulhosos é a missão principal da Academia da Força Aérea. Com este intuito, as práticas pedagógicas castrenses reforçam o despertar entre os educandos de um raciocínio condicionado a situações controláveis, racionais e previsíveis, considerando-se a lógica da atuação militar nos teatros de operação de guerra, que apresenta um ambiente inóspito, violento e caótico. Existe uma preocupação constante em tornar claro, simples e indubitável a prática de todas as normas no exercício da atividade militar em todos os níveis. Por isso, sua instrução deve proporcionar condições de controle e pronta resposta às ordens emanadas pela liderança da tropa (BRASIL - DCA 1-1, 2005: 31).

Dessa maneira o ideal militar consiste na busca da previsibilidade e no cumprimento imediato das ordens, cuja prática pedagógica castrense é conduzida. Mas, de acordo com LUDWIG, é contestável o condicionamento reflexo empregado nas condições existentes nas guerras contemporâneas, pois atualmente exige-se iniciativa de todos os envolvidos no combate (LUDWIG, 1992: 38)<sup>3</sup>.

Por esse motivo o ensino da História Militar ministrado para a formação em nível superior da oficialidade da Força Aérea Brasileira (FAB) deveria evitar versões enaltecidas

---

<sup>3</sup> Na Doutrina Aeroespacial da FAB encontramos assertivas que vão de encontro ao condicionamento reflexo para o comandante: “O combatente moderno deseja líderes que não apenas determinem o emprego, mas que compartilhem as incertezas técnicas, que demonstrem mais inteligência que ímpeto, melhores resultados com menores baixas e, sobretudo, que saibam obter vantagens em situações desfavoráveis (BRASIL - DCA 1-1, 2005: 08)”.

de heróis, para possibilitar aos discentes a construção de um saber histórico emancipado, amadurecido e, sem dúvida, crítico, acerca dos momentos contemplados no programa da Academia Militar, em seu exercício profissional como líder na tomada de decisões:

*Essa exposição não só convida ao questionamento crítico da História Militar; convida também ao exercício do questionamento crítico como uma prática fundamental e cotidiana dos Estudos Estratégicos, arguindo contra a complacência para com entendimentos estabelecidos: sejam narrativas mitológicas, estudos científicos, ou guias de estudos de estratégia.*

*(...) o conhecimento das imagens mentais que instrumentalizam a percepção dos atores, orientam os critérios de suas decisões e determinam as formas pelas quais a percepção e ação são valoradas para o alcance de determinados propósitos (PROENÇA Jr. et. Al, 1999: 50-51).*

Assim sendo, o papel destinado ao conhecimento da História nas atividades militares, segundo a visão da instituição militar, é daquele que reproduza os valores próprios do profissional da farda e a busca de lições que as guerras passadas possam relevar para suas atividades bélicas.

Na verdade, observa-se que nas Escolas de formação de oficiais das três Forças existe até hoje uma preocupação operacional e doutrinária maior do que na formação da liderança com critérios críticos e conhecimento nas áreas das ciências sociais e políticas, sendo que a AFA não configura exceção, mesmo pelo fato de ser uma docente civil a ministrar as disciplinas de História Militar. A consideração de que cadete não teria maturidade para absorver determinados conteúdos e que seria mais importante constituir um arcabouço mais técnico e doutrinário com base nos ensinamentos dos mitos heróicos aos quais direcionava o ensino – e neste caso a história teria um papel importante a exercer -, pretendia evitar determinados assuntos serem discutidos nos anos de formação nas academias militares.

Os temas mais polêmicos seriam ministrados nas escolas de aperfeiçoamento para promoção funcional e na Escola de comando de estado-maior de cada Força, já em fase madura do oficial, quando o furor da juventude teria arrefecido e não possibilitaria questionamentos, pois consideravam a falta de consenso e posturas reivindicatórias como uma possível infiltração comunista no meio castrense, em grande parte por causa do trauma constituído pela participação de militares na Intentona Comunista de 1935 e na ocorrência da crise de hierarquia em 1964 na revolta dos sargentos e marinheiros. Mesmo dentre a oficialidade, havia uma divisão na postura em relação ao golpe de 31 de março, na qual se “evidencia a penetração dos movimentos populares nas Forças Armadas, numa contestação tanto das posições políticas dos oficiais superiores quanto das prerrogativas militares

assentadas na hierarquia e na disciplina, (...) marca-se mais pelos aspectos constitucionais da posição dos oficiais frente ao regime (OLIVEIRA, 1976, p. 52-53)”. Assim sendo, as Escolas militares encaminham a transmissão do conhecimento de maneira categórica, pouco estimulando as posturas investigativas na área das Ciências Humanas<sup>4</sup>.

### **Prática docente como civil no universo castrense**

O docente nas escolas castrenses desempenham uma função mais voltada à *transmissão de um conhecimento que exerça a manutenção da ordem social e política existente* e não se espera que o seu papel seja o de agente transformador, a não no sentido comportamental, nos domínios cognitivo e afetivo, de acordo com a taxionomia de Benjamin Bloom (BRASIL-PUD, 2008).

Por isso, o processo educativo deve estar *condicionado às disposições da organização militar que considera a ordem existente a melhor possível*. A contestação dos cadetes pode até existir no plano das discussões verbais e das divergências manifestadas nos corredores e nas salas de aula. Entretanto, o forjar do militar é realizado, desde seu ingresso na academia militar, por meio da doutrina, dos treinamentos ligados à prática técnico-especializada, das palavras de ordem, do estímulo ao valor do guerreiro e à absoluta observância do cumprimento inquestionável das ordens emanadas pelos superiores (CASTRO, 1990: 15-51). No ensino de História Militar os objetivos gerais, os específicos e os operacionalizados preveem o estudo dos teatros de operações de guerra nos conflitos para proporcionar um aprendizado exemplar e conclusões irrefutáveis e evitar angústias e inseguranças nas investigações que não resultem em uma interpretação *única* dos fatos. Por isso, é melhor adotar estratégias educativas que proporcionem resultados inquestionáveis, segundo a lógica pragmática da formação educativa:

*Da experiência passada essa organização lógica retira tudo que é significativo e útil para o governo da experiência futura. As abstrações, generalizações e classificações têm, todas elas, essa significação e valor de direção futura* (DEWEY, 1980: 146-147).

A possibilidade de reflexão sobre qualquer enfoque do passado, mesmo no estudo específico da História Militar, torna-se mais eficiente por meio da leitura de várias fontes que refutasse a compreensão de determinado conhecimento histórico como único, verdadeiro, *conclusivo*. A transmissão do conhecimento da História deve levar, segundo o parecer desta

---

<sup>4</sup> Em aula inaugural ministrada em fevereiro de 2009 pelo Diretor do Departamento de Ensino da Aeronáutica (DEPENS), o Tenente Brigadeiro, ao ser interpelado por um cadete da necessidade de se incluir no programa curricular o estudo de Geopolítica, afirmou que não era o momento para aprender isso e que somente deveriam fazê-lo quando cursassem o Estado-Maior, ou seja, na patente de major ou de tenente-coronel.

pesquisadora, o aluno a conceber o estudo enquanto construção de uma análise crítica dos conflitos do passado, de abordagens sobre estratégia, evitando a criação de mitos que mascaram conclusões mais apropriadas das realizações dos antigos comandantes militares:

*A literatura britânica do século XIX inculcou a idéia de que todos os combatentes eram bravos, nobres, desprendidos, audazes e seus atos eram invariavelmente frutos de decisão deliberada e racional, ampliando o choque da realidade da guerra para toda uma geração, despreparada, por essas narrativas, para o medo, a perfídia, o egoísmo e até mesmo a covardia e falta de propósito com que tiveram de conviver nas trincheiras da I Guerra Mundial (PROENÇA Jr. et. al., 1999: 32).*

A busca de se constituir o “líder vibrador” na personalidade do futuro oficial da Aeronáutica brasileira não possibilita uma formação da realidade que um dia este líder militar possa enfrentar numa situação de conflito. Isso ocorre porque a transmissão do conhecimento está calcada somente no estudo das realizações *positivas* dos homens considerados ilustres e consagrados pela versão oficial das relações políticas consideradas mais relevantes.

No entanto, essa abordagem é limitante, como podemos observar em duas assertivas acerca da formação do oficial militar no Brasil. A primeira citação foi extraída das afirmações contidas no questionário aplicado a um dos oficiais da Divisão de Ensino da Academia da Força Aérea, ocorrido em novembro de 2000; a outra foi extraída de parte da entrevista que o Dr. Frank McCann, historiador norte-americano brasileiro, concedeu a Ricardo Bonalume Neto para a *Folha de São Paulo*, quando de sua visita ao Brasil em 1999.

*Atualmente observa-se tendências no ensino de História, tomando por base opiniões de todos elementos que de qualquer forma poderiam contribuir para a história, no entanto, há que se considerar a sua validade, pois se não for para esclarecer não vale a pena ser estudado. O assunto a ser ministrado em uma escola de formação deve conter uma lógica e uma conclusão que contribua para despertar valores como patriotismo, civismo, moral, caráter e outras virtudes. A dúvida só pode ser levantada a partir do momento em que haja um amadurecimento do instruendo nesse assunto. Deve também ser ministrado de forma a despertar a análise de fatos a partir de sua causa, ou seja, aprender a identificar a causa problema e não se ater somente aos efeitos para proposição de solução. Deve-se dar especial importância a História Militar Brasileira a fatos históricos ligados à nossa realidade, como a Guerra do Paraguai, Guerra das Malvinas e a conquista e manutenção do Território Brasileiro." (Oficial Superior Aviador, comandante do 1º Esquadrão de Instrução Aérea (1º EIA), março de 2000. Grifos meus).*

*E há diferenças nos currículos. West Point visa formar os futuros generais, Agulhas Negras pretende formar tenentes. O currículo é deliberadamente feito de modo a não dar tempo aos cadetes pesquisarem além daquilo que se pede nas apostilas; isso seria só para mentes mais maduras, como já ouvi de um ex-ministro do Exército (Apud BONALUME, 16 ago. 1999: Entrevista da 2ª).*

Enquanto o Oficial Aviador afirma que a instrução deve ser funcional e "conter uma lógica e uma conclusão que contribua para despertar valores como patriotismo, civismo,

*moral, caráter e outras virtudes*", nas afirmações do Dr. Mc Cann a deficiência na formação da oficialidade brasileira incide em seu objetivo utilitário imediatista, pois "Os líderes do Exército acreditam que os cadetes são jovens demais para pesquisar e chegar a conclusões independentes (id. ibidem)".

### **Considerações Finais**

Os cadetes consideram estudar História Militar para absorver um aprendizado sobre manobras, atitudes bélicas e, assim, apreender um conhecimento que lhes proporcione subsídios instrutivos para os transformar em comandantes guerreiros. Não consideram as reflexões acerca das atividades bélicas a partir do conhecimento histórico alcançado e, sim, enaltecem o aspecto prático, instrutivo do estudo da guerra.

Visualizam, também, que todo o conteúdo deve ser transmitido em aula, calcando-se na circunstância do tempo todo tomado para atividades previstas e considera mais fácil que o aprendizado seja esmiuçado pelo docente e que não exija autonomia contínua e permanente na construção do conhecimento. Se houvesse uma postura investigativa na atividade discente poderia ser aplicada em todas as áreas do conhecimento, por meio do cotidiano cultural mais rico em leituras com vários autores ou fontes (revistas, jornais, documentários, filmes, internet, etc.), incentivando a crítica nas interpretações que os levasse a aprender sem limites ao conhecimento ministrado por terceiros no cotidiano escolar.

Percebe-se que nem o espaço criativo e nem o saber histórico são proporcionados na prática pedagógica castrense existente na Academia da Força Aérea, mesmo que, como é o caso, a docente não compartilhe da concepção de ensino de História sob a tendência tradicional prevista. O ambiente educativo condiciona o conhecimento à sua transmissão nas aulas, com pouquíssimas oportunidades de se tentar outras estratégias de obtenção do conhecimento.

Quando isso ocorre, os mesmos cadetes que parecem protestar a inexistência de oportunidades para pesquisa protestam quando se pede para realizarem uma monografia ou um trabalho fora do espaço da sala de aula, por não possuírem tempo nem material (por causa do deficiente acervo da biblioteca da Academia da Força Aérea e pelas restrições adstritas ao cotidiano de uma escola militar) e, sem dúvida, por já manterem uma rotina de estudo que não prevê uma dedicação à leitura e à investigação.

Assim, no intuito de se considerar a História como legado, tratando seu ensino com a finalidade pragmática e utilitária na formação profissional dos futuros oficiais da Aeronáutica

brasileira, o ensino aplicado nesta linha, impondo limitações também à prática docente, constitui o ensino tradicional castrense, tecnicista e de orientação positiva comprometendo, por isso mesmo, um ensino profundo e fundamentado da História.

Somando-se a todos estes aspectos temos, ainda, a postura pragmática dos cadetes com a finalidade de se alcançar melhores notas nas provas, interferindo em sua classificação profissional. Podemos inferir do que foi apresentado que se torna no mínimo contestável considerar que o ensino de História Militar ministrado na Academia da Força Aérea, segundo as práticas educativas que o universo da escola castrense possibilita, possa exercer um papel estratégico aos futuros líderes da Força.

## Referências

- BONALUME, R.. “Formação de oficiais no país é deficiente, diz historiador”. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 16/08/1999, *Entrevista da 2ª*.
- BRASIL. *Doutrina Aeroespacial (DCA 1-1)*. Brasília - DF: COMAer, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Plano de Unidades Didáticas – História Militar*. Brasília – DF: DEPENS, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Plano de Unidades Didáticas – História Militar Brasileira*. Brasília – DF: DEPENS, 2008.
- CASTRO, Celso. *O Espírito Militar*. R. Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. Pref. A. Rapaport. Trad. M. T. Ramos. S. Paulo: Martins Fontes Ed., 1979 [1832].
- DEWEY, John. *Vida e Educação*. Trad. A. S. Teixeira. S. Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores)
- JAMES, William. *Pragmatismo e outros textos*. Trad. J. C. Silva e P. R. Mariconda. S. Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)
- LUDWIG, A. C. Will. *A Formação do Oficial Brasileiro e a Transição Democrática*. Doutorado. UNICAMP, Campinas-SP: 1992.
- OLIVEIRA, E. R.. *As Forças Armadas: Política e Ideologia no Brasil (1964-1969)*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1976. (Sociologia brasileira, v. 6)
- OLIVEIRA, Tania R. P. de G. T. de. *Ensino de História Militar: uma análise centrada na concepção do ensino de História na formação dos oficiais da Força Aérea Brasileira*. Or. A. Ferreira Jr. e A. C. W. Ludwig. Mestrado. São Carlos-SP: UFSCar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Estudo da Guerra e a Formação da Liderança Militar Brasileira*. Or. A. Ferreira Jr. e A. C. W. Ludwig. Doutorado. S. Carlos-SP: UFSCar, 2004.
- PIERCE, Charles Sanders. *Escritos Coligidos*. Sel. A. M. D’Oliveira, trad. A. M. D’Oliveira e S. Pomerangblum. 2ª ed.. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores)
- PROENÇA JR, D., DINIZ, E. e RAZA, S. G.. *Guia de Estudos de Estratégia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- WEIGLEY (1981: 15). WEIGLEY, Russel F. (org.). ”Introdução”. *In: Novas Dimensões da História Militar*. Vol. 1. Trad. port.. R. Janeiro, Bibliex, 1981: 13-42.